

António Manuel Ribeiro Rebelo
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

**Os números da guerra e o pragmatismo do tópico
dos Macabeus nos Príncipes de Avis**

A invenção da pólvora e a sua utilização no campo de batalha veio criar distâncias que o soldado medieval desconhecia. A experiência da guerra no campo de batalha era vivida de forma mais pessoal. Os exércitos numerosos impressionavam pela quantidade, ainda que a qualidade não lhe correspondesse. Sobretudo em situações de inferioridade numérica, a grande desproporção de forças podia ser interpretada de modo diferente, consoante o desfecho da batalha. A vitória em circunstâncias muito adversas inscreve para sempre nas páginas de ouro da História o nome dos seus protagonistas. A derrota, pelo contrário, encontra nessa desproporção o mais importante dos seus pretextos para minimizar o sentimento de vergonha e desonra.

Disto nos deu conta, por exemplo, Fernão Lopes sobre a disparidade de números que corria entre os diferentes “desscrivães” designadamente quanto às “gemtes que cada hũ rei tinha por sua parte” na Batalha de Aljubarrota:

Pera que diremos mor numero dos imiguos, por desfazermos ã eles, nẽ menos conto dos portugueses por serẽ por hy mais louvados? Certamente naõ hee de fazer, caa o caronista hade ser muito çerto em seu rezoar¹.

No mesmo capítulo, Fernão Lopes acaba por definir, com o rigor histórico que, em sua opinião, deve orientar o cronista, a desproporção de forças no campo de batalha: 6.500 soldados portugueses contra mais de 30.000 castelhanos (de 1: 5).

Nas obras literárias, incluindo as crónicas e até outro tipo de textos, de natureza porventura mais historiográfica, em que o autor dê largas à sua veia literária, não podemos confiar plenamente nos números avançados, mas isto também não quer dizer que desconfiemos sempre dos números que os autores nos apresentam. Estes devem ser lidos num contexto literário, tanto em situação de vitória como de derrota, enquanto *topoi* literários. E são muitos os

¹ Fernão Lopes, *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memória e dos Reis de Portugal o decimo*, Parte Segunda, escrita por Fernão Lopes e agora copiada fielmente dos melhores manuscritos por William Entwistle, Lisboa, 1977, cap. 36.

exemplos em que a desproporção de forças é explorada. Na famosa *Chanson de Roland*, por exemplo, poema épico que, como é sabido, explora as guerras da Reconquista, entre Cristãos e Muçulmanos, a desproporção entre a retaguarda das tropas cristãs, comandadas por Roland, e as das forças dos Sarracenos, que lhe armam uma cilada nos desfiladeiros pirinaicos de Roncesvales, é de 20.000 Cristãos para 400.000 Maometanos, portanto, de 1: 20.

Não raro a descrição desses momentos aflitivos e de desespero perante uma incontável multidão de inimigos é avivada, nas obras literárias, por símiles, metáforas e comparações que associam o poderio bélico inimigo às forças da natureza. A descrição da Batalha do Salado no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, que Aida Fernanda Dias considera ser “um dos mais vigorosos textos da historiografia portuguesa dos finais do século XIV”², é um desses exemplos. Se, por um lado, “os cristãos eram tam fora de força por o gram trabalho que receberom aquel dia e por o muito sangue que perderom, que os nembros nom podiam reger”, por outro lado, “Os Mouros refrescavam-se cada vez mais e mais dos que estavam folgados. E os gritos deles e das trombas e anafis e d’altâncaros e atavaques e gaitas assi reteniam que parecia que as montanhas se arreigavam de todas partes. Esta hora foi aos cristãos d’escoridõe, d’amargura, de gimidos”.

Na descrição das batalhas diante de Tânger, o autor anónimo da biografia latina do Infante Santo aplica o mesmo tipo de recursos literários a uma desproporção de forças bem maior. As imagens funcionam como uma representação pictórica impressionante, emprestando à narrativa a vivacidade necessária para sugerir ao leitor uma ideia bem real e bem presente da experiência dos combatentes em Tânger, ainda que o autor da obra não tenha participado na peleja:

Então, decorrido pouco tempo, eis que surge uma inundação de camelos, uma inumerável força de cavalos e uma incalculável vozeria de peões, cujos brados rasgaram o céu; e vagas sucessivas de guerreiros começaram a inundá-los, à maneira da água que corre pelos desfiladeiros dos montes, o que a todos causou grande admiração. Os olhos dos Cristãos até ficavam cansados ao verem a enorme multidão que ninguém conseguia contar³.

Mais adiante, a superioridade numérica das tropas sarracenas é implicitamente comparada à incontável posteridade dos filhos de Abraão: “Eles

² Aida Fernanda Dias, *História Crítica da Literatura Portuguesa* Vol. I [A Idade Média]. Direcção de Carlos Reis. Lisboa – São Paulo, Verbo, 1998, p.380.

³ *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi...* (doravante *Martyrium et Gesta...*), linhas 300-305: Paucio namque defluente tempore, ecce camelorum inundacio equorumque ualitudo innumera, peditem garrulitas inextimabilis, quorum clamoribus celum dirumpi, more fluentis aque per moncium crepitudines uirorum uicissitudine inundare, quod uniuersis stuporem inducit. Christianorum reuera atenuati sunt oculi suspicientes turbam magnam quam dinumerare nemo poterat.

eram, de facto, numerosos como as ervas do campo, como as estrelas do céu ou como a areia do mar”⁴. Logo a seguir, ao enumerar os príncipes mouros presentes no campo de batalha, o autor pretende alcançar efeito similar através da comparação dos Mouros aos gafanhotos da praga do Egipto: “...um número incalculável de outros príncipes, cujo séquito de homens-de-armas era tão inumerável como os gafanhotos sobre a face da Terra, de tal modo que parecia que o Sol não chegava a alumiar a Terra com os raios da sua luz”⁵.

Esta última imagem tem um duplo efeito. O sentido literal remete para a desproporção de forças e situa-se no contexto da praga dos gafanhotos. O sentido figurado estabelece a correspondência do astro rei com Cristo. Ora, os gafanhotos (i. e. os Mouros) não deixavam que o Sol (Cristo) alumiasse (por outras palavras, trouxesse a luz da fé, ou seja, convertesse) aquelas terras, que, por ainda não terem sido evangelizadas, se encontravam nas trevas.

E o biógrafo latino define claramente o valor dessa desproporção: “[...] o seu número ascende a cem para um” (*eorum ascendit numerus centum pro uno*), um número muito redondo, demasiado próximo da hipérbole.

O biógrafo português, Fr. João Álvares, secretário de D. Fernando, que participou na guerra de Tânger e acompanhou seu amo no cativo, começa por relatar que, por ordem d’El-Rei D. Duarte, partiram de Lisboa 7.000 dos 14.000 combatentes inicialmente previstos⁶, muito longe dos 50.000 que haviam conquistado Ceuta. Mesmo assim, esses 14.000 homens seriam sufi-

⁴ *Martyrium et Gesta...*, linhas 316 sq: “Erant reuera uti herbae in campo sicut stellae in caelo uelut in mari arena [...]”.

⁵ *Martyrium et Gesta...*, l. 325: “[...] uelut locusta super faciem terrae ita ut sol lucis suae radiis minime terram lustrari uideretur.

⁶ Vd. João Álvares, *Obras*, Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Vol. 1: *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S.or Ifante D. Fernando*, Coimbra, 1960 (doravante *Trautado*) p. 20, lin. 6 e p. 22, lin. 21. Rui de Pina confirma a intenção de D. Duarte enviar 14.000 homens assim repartidos: “[...] tres mil e quinhentos home ã s d’armas e quinhentos Beesteiros de Cavallo, e dous mil e quinhentos Beesteiros de pee, e sete mil piaa ã s, e quinhentos Serviçaaes[...]” (vd. Rui de Pina, *Crônicas de Rui de Pina. D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II* (Tesouros da Literatura e da História), Introdução e revisão de Manuel Lopes de Almeida, Porto, 1977, *Chronica do Senhor Rey D. Duarte*, cap. 14). Num memorando, datado de 16 de Maio de 1437, enviado a D. Gomes, abade do mosteiro de Santa Maria de Florença, procurador de El-Rei junto da Santa Sé, D. Duarte revela que tencionaria enviar para Tânger 15.000 homens, 4.000 dos quais cavaleiros:

E, ajnda ao presente, com a ajuda de Noso Senhor Deus, mandamos meus jrmãaos, o jfante dom Enrrique e o jfante dom Fernando, e o conde d’Arrayollos, meu sobrnho, e outros fidalgos de meus rregnos, que pasam per todos os x̄b [mil] homeens, antre os quaes hiron quatro mjl de caualo, contra os jnfyees...

Vd. Biblioteca Mediceo-Laurenziana de Florença (=BMLF), *Fondo Ashburnam, Cod. 1792* (1719), vol. 1, *Epistolarum Regis, Reginae, Principum, Episcoporum, Magnatum, et Variorum Lusitaniae ad B. Gometium Vlyssiponensem, Abbatem Insignis Abbatiae S. Mariae de Florentia, et Responsonum eiusdem B. Abbatis Gometii*, fol. 14^v-16^r, documento transcrito por Domingos Maurício Gomes dos Santos, “D. Duarte e as responsabilidades de Tânger 1436-1438”, *Brotéria*, vol. 12-13, 1931; vol. 12: pp. 29-34, 147-157, 291-302, 367-376; vol. 13: pp. 19-27, 161-173 (o passo citado encontra-se reproduzido nas pp. 301 sq.) e retomado pelos *Monumenta Henricina*, Direcção, organização e anotação crítica de A. J. Dias Dinis, OFM (Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique), Coimbra, 1960-1974, 15 vols. (doravante *MH*), no vol. 6, doc. 24.

Em duas cartas datadas de 25 e 27 de Junho de 1438, dirigidas, respectivamente, a D. Gomes de Florença e a Rodrigo Anes, enviado de El-Rei, D. Duarte avança novamente o mesmo número de cavaleiros, mas não adianta o número revisível de peões:

cientes, na opinião de um homem prudente e avisado como era El-Rei D. Duarte. O próprio Rei Eloquentemente invoca a excelente preparação das suas tropas como argumento suficiente para que elas possam superar as dificuldades geradas pela inferioridade numérica⁷. Por falta de meios de transporte, o número inicial ficou reduzido a metade: 7.000 combatentes. Esta situação viria a acentuar a desproporção de forças.

Os números da guerra de Tânger variam de autor para autor. Na fase final da peleja, já só restam, segundo Fr. João Álvares, 3.000 homens válidos nas hostes lusitanas, enquanto as forças dos Mouros ascendem a 96.000 cavaleiros e 600.000 peões, uma proporção de um português para 232 mouros, a acreditar nos números do biógrafo fernandino⁸! Segundo um outro testemunho registado numa carta de João Roiz, deão de Lisboa, dirigida ao abade de Florença dando “novas da terra”, a quantidade de combatentes mouros ascenderia a 800.000⁹!

Por que uos rogamos e encomendamos que, por nossa parte, djgaees a sua santjdade que nom seja aazo de nos tirar do boo preposyto em que somos posto, a enuyar, como de fecto enuyamos, os meus muyto amados jr-mãaos jfantes dom Enrrique e dom Fernando e o conde dArrayolos, meu sobrinho, aas partes dAfrica, com quatro mjl de caualo e outra jente de pee e beesteiros, por exalçamento da ffe catolica e acreçentamento da christijndade...

Vd. BMLF, *Fondo Ashburnam, Cod. 1792* (1719), vol. 2, fol. 29^v, transcrito por Domingos Maurício Gomes dos Santos, “D. Duarte e as responsabilidades de Tânger 1436-1438”, *Brotéria*, vol. 12-13, 1931; vol. 12: pp. 29-34, 147-157, 291-302, 367-376; vol. 13: pp. 19-27, 161-173 (o passo citado encontra-se reproduzido nas pp. 368, sendo repetido na carta dirigida a Rodrigo Anes, transcrita na p. 369) e sujeito a nova leitura nos *MH*, vol. 6, doc. 36.

A mesma expressão encontra-se ainda inserta na missiva que D. Duarte dirigira ao Bispo do Porto, D. Antão Martins de Chaves, também a 27 de Junho de 1437. Vd. BMLF, *Fondo Ashburnam, Cod. 1792* (1719), vol. 2, fol. 13^v-14^v, igualmente reproduzido por Domingos Maurício Gomes dos Santos, “D. Duarte e as responsabilidades de Tânger 1436-1438”, *Brotéria*, vol. 12-13, 1931; vol. 12: pp. 29-34, 147-157, 291-302, 367-376; vol. 13: pp. 19-27, 161-173 (a pp. 371-372) e pelos *MH*, vol. 6, doc. 37.

⁷ D. Duarte afirma-o nas instruções gerais dirigidas aos comandantes e chefes da expedição:

[...] soes auantajadamente corregidos de caualos e armas sobreles e tendes outras grandes auantajens de boa criaçom e lealdade e hũ so bom proposito e acordo...

Vd. *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, Edição diplomática. Transcrição de João José Alves Dias, introdução de A. H. de Oliveira Marques e João José Alves Dias, revisão de A. H. de Oliveira Marques e Teresa F. Rodrigues, Lisboa, 1982 (=ANTT, ms. 1928, fol. 136-144^v) ou João Martins da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1944, vol. 1 (1147-1460), pp. 383 sqq. ou ainda *MH*, vol. 6, doc. 50.

⁸ Depois das primeiras escaramuças, os Mouros surgem com um exército aparatoso: 40.000 cavaleiros e 100.000 peões – uma proporção inicial de um combatente português para 20 Mouros. No capítulo seguinte do seu *Trautado*, Fr. João Álvares relata que:

Pasado todo esto, aa seguinte quarta feira, estando todolos cristãaos fora do seu areal, chegou sobre eles el-Rey de Feez com Lazeraque, seu algozil, qui o trazia consigo, com todo o poderio da mourisma dos regnos e comarcas daquelas teras d-aredor, que seriam LR^uvj mil de cavallo, e mais de vj^v mill de pee

Mais adiante Fr. João Álvares afirma que os Portugueses “eram muy poucos que nom passariom de iij mil homeẽs de peleya, asy que pera resistir a tanta multydoe de milhares de mouros nom tinham força nem poder” (Cf. *Trautado*, p. 25, lin. 3-6).

⁹ Vd. BMLF, *Fondo Ashburnam, Cod. 1792* (1719), vol. 1, fol. 65^r, transcrito por Domingos Maurício Gomes dos Santos, “D. Duarte e as responsabilidades de Tânger 1436-1438”, *Brotéria*, vol. 12-13, 1931; vol. 12: pp. 29-34, 147-157, 291-302, 367-376; vol. 13: pp. 19-27, 161-173, muito concretamente nas pp. 170-171. O ilustre jesuíta desconfia dos números avançados para as forças inimigas, que atingem proporções fantásticas (vd. Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Do Valor histórico de Rui de Pina”, *Brotéria*, vol. 15, 1932, 121-139, designadamente na p. 138. n. 1), apesar de estes serem, todavia, confirmados pela documentação da época.

São muitas e variadas as causas da derrota de Tânger. Não curamos de tratar aqui desta complexa problemática¹⁰. Todavia, perante estes factos, o homem moderno não pode deixar de se interrogar como é que D. Duarte, apesar da consciência da pouquidão de tropas, de que ele dispunha para a campanha de Tânger, deixa partir os seus irmãos ao encontro de uma derrota quase certa? A resposta encontra-se no *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte*:

[...] lebrandouos quantos catholicos príncipes e outros da ley uelha [i. e., do Antigo Testamento], com muy pouca gente, uençerom grande multídom de jnfieis...

Esta afirmação está em consonância com a lin. 333 da biografia latina de D. Fernando, o *Martyrium et Gesta...: Non in multitudine, sed in misericordia Dei de caelo speremus uictoriam*, uma expressão que conjuga dois passos bíblicos diferentes: 1Mcc 3.19 (“*non in multitudine exercitus est uictoria belli, sed de caelo fortitudo est*”) com 2Mcc 15.8 (“*adiutoria sibi facta de caelo et nunc sperarent ab Omnipotente adfuturam sibi uictoriam*”).

Este género de arenga vem, por isso, na linha do discurso de Judas Macabeu, a que D. João I recorreu por diversas vezes, como atesta Fernão Lopes¹¹. Uma dessas situações ocorre justamente antes da Batalha de Aljubarrota, onde a desproporção de forças conferiu à vitória contornos lendários e, por conseguinte, ficou para sempre gravada na memória do povo português.

A resistência de Matatias e de seus cinco filhos, os Macabeus, entre os quais avultava Judas, passou para a tradição judaico-cristã como uma das principais referências de heroicidade veterotestamentária. A desproporção de forças entre as organizadas tropas dos Selêucidas e o pequeno exército de Judas chega a ser de 14 para 1 e, no entanto, os Judeus não deixam de vencer todas as batalhas com a ajuda do Senhor.

Na literatura latina medieval, a citação explícita de 1Mcc 3.18-19¹² ocorre, pela primeira vez, no famoso elogio dos Templários por S. Bernardo, o

¹⁰ Sobre este assunto, vd. António Manuel Ribeiro Rebelo, *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi*, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian - Fund. para a Ciência e a Tecnologia - Min. da Ciência e do Ens. Superior, 2007, pp. 682 sqq..

¹¹ A expressão “usando do costume de Juudas Macabeu” sugere que se tratava de um hábito retórico recorrente. Fernão Lopes faz alusão ao episódio do Macabeu nos capítulos 30, 41 e 48 da Primeira Parte da *Crónica de D. João I* (cf. *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memória e dos Reis de Portugal o decimo*, Parte Primeira escrita por Fernão Lopes. Reprodução fac-similada da edição do Arquivo Histórico Português (1915) preparada por Anselmo Braamcamp Freire. Prefácio por Luís F. Lindley Cintra, Lisboa, 1977).

¹² Contextualizemos este passo:

Mas ao verem aquele exército que marchava contra eles, os companheiros disseram a Judas: “Como poderemos nós, tão poucos, combater contra tão grande multidão, tanto mais que nos sentimos fracos por estarmos hoje ainda em jejum?”. Mas Judas respondeu: “É fácil que muitos venham a cair às mãos de poucos; para o Deus do céu não há diferença entre salvar com muitos ou com poucos, porque o triunfo de uma batalha não depende do número de soldados, mas da força que vem do céu” (*Et ait iudas: “Facile est concludi multos in manibus paucorum; et non est differentia in conspectu caeli liberare in multis aut in paucis, quoniam non in multitudine exercitus uictoria belli, sed de caelo fortitudo est.*)

Liber Ad Milites Templi - De Laude Nouae Militiae, onde o abade de Claraval delinea a missão e o espírito da nova cavalaria. A partir daí, é retomada na literatura de cruzadas e nas crónicas da reconquista:

Irrompem sobre os adversários, como se os inimigos fossem gado, e, ainda que sejam muito poucos, jamais temem a bárbara crueldade ou a numerosa multidão. Estão igualmente ensinados a não confiar nas suas próprias forças, mas a esperar a vitória do poder do Deus dos Exércitos, e nessa ordem de ideias acreditam ser extremamente fácil, segundo a expressão do Macabeu, *que muitos venham a cair às mãos de poucos e que para o Deus do céu não há diferença entre salvar com muitos ou com poucos, porque o triunfo de uma batalha não depende do número de soldados, mas da força que vem do céu*. Isto eles têm experimentado também com muita frequência, a ponto de muitas vezes um único ter posto em fuga um milhar de homens e dois terem afugentado dez mil¹³.

Ora, Judas Macabeu, no seu discurso, estava, por sua vez, a citar as palavras de Jónatas, filho de Saul, quando ele, em 1Samuel 14.6, diz ao seu escudeiro: “Ataquemos a guarnição desses incircuncisos; talvez o Senhor combata por nós. Na verdade, Ele tanto pode dar a vitória com poucos como com muitos¹⁴”.

A segunda citação bíblica a que S. Bernardo recorre – “Como poderia um só perseguir mil, e dois pôr em fuga dez mil,[...] se o Senhor lhos não entregasse?” –, que é tirada do livro do Deuteronomio (32.30), retoma-a S. Bernardo ainda na sua correspondência¹⁵.

No cap. 52 da *Crónica da tomada de Ceuta* de Zurara, o exemplo dos Macabeus volta a ser referido. No sermão de Fr. João Xira, antes da partida para Ceuta, o frade faz alusão à “Sancta madre dos Machabeos” que aconselhou os filhos a morrerem por serviço de Deus¹⁶. Poucos dias depois da morte

¹³ S. Bernardo, *Liber Ad Milites Templi - De Laude Nouae Militiae*, 4.8, in J.-P. Migne, PL 182, pp. 921-940 ou Bernhard von Clairvaux, *Sämtliche Werke, lateinisch und deutsch* (ed. Gerhard B. Winkler), Innsbruck, 1990:

Irruunt in aduersarios, hostes uelut oues reputant, nequaquam, etsi paucissimi, uel saeuam barbariem, uel numerosam multitudinem formidantes. Nouerunt siquidem non de suis praesumere uiribus, sed de uirtute Domini Sabaoth sperare uictoriam, cui nimirum facile esse confidunt, iuxta sententiam Macchabaei, concludi multos in manus paucorum, et non esse differentiam in conspectu Dei caeli liberare in multis, et in paucis, quia non in multitudine exercitus est uictoria belli, sed de caelo fortitudo est. Quod et frequentissime experti sunt, ita ut plerumque quasi persecutus sit unus mille, et duo fugarint decem millia.

¹⁴ No texto latino: “Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, si forte faciat Dominus pro nobis; quia non est Domino difficile saluare uel in multitudine uel in paucis”.

¹⁵ Cf. J.-P. Migne, PL 182, 230B, *Epistola XCVII. Ad Ducem Conradum*: “Ipse nimirum cum uoluit fecit, ut unus mille, et duo fugarent decem millia”.

¹⁶ Empero por acabar meu officio, vos quero aqui poer hum breue exemplo do grande amor que huma sancta molher teue acerca do seruiço de Deus, & da sua sancta Fé, a qual foy aquella Sancta madre dos Machabeos, ca como assi fosse que ella visse sete filhos estar postos em duros, & graues tormentos por mandado daquelle mao Rey Antiocho [...] esqueceo o natural diuido, que com os filhos auia, & espertou os a sofrer dorosa morte sobre sua carne mesma, que se gerára em o seu ventre amoestando os filhos com voz nom de molher, mas de forte, & sacto baram, que morressem pola ley de seu Deus.

de D. Filipa de Lencastre, estava ainda fresca a memória da mãe dos Príncipes de Avis. Fr. João Xira pensava indubitavelmente naquela que, desde o primeiro momento, incentivou os seus filhos a granjear as esporas de cavaleiro através de feitos de armas heroicamente alcançados em acção e não em simulacros lúdicos. Mais do que os seus irmãos, D. Henrique é o que se deixa contagiar com mais facilidade pelo entusiasmo do espírito de cavalaria. Cioso de feitos gloriosos, quer ser o primeiro a pisar as areias de Ceuta¹⁷. No *De Bello Septensi* de Mateus de Pisano, D. João I ordena que ninguém desembarque antes de D. Henrique o ter feito¹⁸. Zurara confirma que as hostes do Navegador foram as primeiras a entrar na cidade: “a primeira bandeira Real, que entrou na Cidade foi a do Infante D. Anrique”¹⁹.

Também mais tarde, aquando da guerra de Tânger, transparece das alocações de D. Henrique, segundo a biografia latina de D. Fernando, uma intrepidez que caracterizava o Navegador e que se enquadrava no espírito do ideal de cavalaria, na tradição do *miles Christi* que aliava o fervor religioso ao ardor guerreiro²⁰. Não admira, pois, que deste *miles Christi*, a um tempo animado por um ardente proselitismo religioso e vibrante de um incontível entusiasmo na perspectiva de mais um feito bélico, sobressaia uma confiança absoluta e incondicional na Divina Providência. Assim se explica a citação bíblica dos dois livros dos Macabeus na lin. 333 do *Martyrium et Gesta...*: “Não é na quantidade de homens, mas na misericórdia divina que devemos esperar do Céu a vitória” (Non in multitudine, sed in misericordia Dei de caelo speremus uictoriam).

O Infante assumia, com profunda entrega de si próprio, o papel multisseccular do *miles Christi* e o espírito de cruzada permanente contra os islamitas,

¹⁷ No cap. 24 da *Crónica da tomada de Ceuta*, Zurara relata-nos como D. Henrique dirige o pedido a seu pai: “quando a vossa escada Real for posta sobre os muros da Cidade, que eu seja aquelle, que vá primeiro por ella, que outro algũ” (cf. Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da tomada de Ceuta por el-rei D. João I* (ed. Francisco Maria Esteves Pereira). Composta por Gomes Eanes de Zurara, publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa segundo os manuscritos N.º 368 e 355 do Arquivo Nacional, Coimbra, 1915). No cap. 63 da mesma crónica, D. João I dá a resposta ao filho:

[...] porque agora he tempo de vos responder ao que me requerestes que vos outorgasse que fosseis em companhia daquelles, que primeiro filhassem terra, eu volo concedo, mas nom me apraz que em ello vos mande como companheiro mas como principal capitam.

¹⁸ Vd. Biblioteca Ducal de Vila Viçosa (BDVV), *ms. n.º I*, fol. 35^v: “His dictis, imperauit uti omnes ad desiliendum se pararent, nihilominus nemo prius desiliret quam Henricum desilijsse uideret”.

¹⁹ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da tomada de Ceuta*, cap. 71.

²⁰ Além disso, essa intrepidez, fundamentada, por sua vez, numa confiança absoluta na Divina Providência, compagina-se com a opinião patenteada no *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte* (Fol. 131^v e 132^r):

E sabendo Noso Senhor Deus que esto nos era muyto compridoiro, per muytas uezes, asy na ley ueelha como noua, dise aos seus amiguos: nom temaes. [...] E de uontade de seruyr a Deus e desejo donrra e de non temer se consegue detremjnaçom de executar e a execução Deus Noso Senhor sera sua ajuda. E porem, senhor, pois tendes esperança dajuda de Deus, non aues que temer. [...] e mais a esperança dajuda de Noso Senhor Deus, que he tam forte e tamanha, que toda força per ela he pequena.

tal como tinha ficado implícito, segundo Dias Dinis, na bula *Ad ea ex quibus*, de 14 de Março de 1319, com que o Papa João XXII funda, em Portugal, a Ordem Militar de Jesus Cristo, em substituição da Ordem do Templo²¹. D. Henrique, enquanto Mestre da Ordem de Cristo, abraça com total empatia esse espírito de cruzada.

Efectivamente, sendo a Ordem de Cristo sucessora da Ordem do Templo era bem provável que D. Henrique procurasse seguir à letra tudo quanto S. Bernardo prescrevia no *Liber Ad Milites Templi* de S. Bernardo de Claraval, que passou a ser um verdadeiro decálogo para os cavaleiros templários. E é assim que se justifica o proselitismo intrépido de D. Henrique, pois S. Bernardo baseia-se nas metáforas paulinas²² para explicar porque é que o Templário não teme a morte:

Este soldado é verdadeiramente intrépido e está seguro sob todos os aspectos, porquanto tal como o corpo se encontra revestido com a armadura de ferro, assim também o espírito está armado com a loriga da fé. Protegido, sem dúvida, por estes dois tipos de armas, não teme nem homem, nem demónio. Mas mais ainda: não teme a morte, porque deseja morrer. Pois o é que pode causar medo, na morte ou na vida, àquele para quem viver é Cristo e morrer, um lucro?

Ele afirma-se seguramente com confiança e com ardor por Jesus Cristo, mas prefere morrer e estar com Cristo: esta é, na verdade, a melhor opção. Eia, pois, cavaleiros, avançai assim seguros e expulsai com intrépida coragem os inimigos da Cruz de Cristo, certos de que nem a morte nem a vida vos poderão separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, enquanto repetis para convosco, em qualquer situação de perigo, aquelas palavras do Apóstolo: “Quer vivamos quer morramos, somos do Senhor”.

Oh! Quão gloriosos regressam vitoriosos do combate! Oh! Com quanta ventura morrem como mártires na peleja!

Regozija-te, campeão valoroso, por viveres e venceres no Senhor, mas exulta e gloria-te ainda mais se morreres e te unires ao Senhor. A vida é, sem dúvida, frutuosa e a vitória gloriosa, mas a morte sagrada deve ser preferida com justa razão a uma e a

²¹ A. J. Dias Dinis, *Antecedentes da expansão ultramarina portuguesa*, Coimbra, 1962, p. 61. Vd. ANTT, *Gaveta 7*, maço 5, nº 2; cf. *MH*, vol. 1, doc. 61. Esta intenção é reiterada pelos Pontífices posteriores. Na bula *Gaudemus et exultamus*, por exemplo, o Papa Bento XII sugere a Portugal que intervenha militarmente contra Belamarin ou Benamarim, oferecendo ao Rei lusitano, D. Afonso IV, todas as terras que os Portugueses viessem a conquistar. Todavia, o rei português remete esse dever para o rei de Castela e Leão. Mais tarde, ao ver atribuída a concessão das Canárias – ilhas inicialmente exploradas pelos Portugueses – a Luís de Cerda pela bula *Tuae deuotionis sinceritas* de Clemente VI (em 15 de Novembro de 1344) – ASV, *Regestum Vaticanum*, vol. 167, fol. 3^o, nº 9 ou *MH*, vol. 1, doc. 89 –, arrepende-se e solicita a bula *Ad ea ex quibus* de Clemente VI (de 10 de Janeiro de 1345) – ANTT, *Bulas*, maço 15, nº 11 ou ASV, *Regestum Vaticanum*, vol. 165, fol. 176, ou ainda *MH*, vol. 1, doc. 92 – que mais não é senão a confirmação ou renovação da *Gaudemus et exultamus* de Bento XII, que lhe dava carta branca para conquistar a África.

²² Cf. e.g. Eph 6.13-17 ou 1Th 5.8. No entanto, esta metáfora radica em Isaías (cf. Is 59.17).

outra. Pois se os que morrem no Senhor são bem-aventurados, quanto mais não o serão aqueles que morrem pelo Senhor?²³

E S. Bernardo insiste e reforça, logo a seguir, esta ideia:

Na verdade, quer se morra no leito, quer na guerra, a morte dos santos será, sem dúvida, preciosa aos olhos de Deus. Mas, por outro lado, a que ocorre na guerra é tanto mais preciosa, quanto mais gloriosa for. [...] Oh! Que segurança, repito, há na vida quando se espera a morte sem temor nenhum e até, pelo contrário, é desejada com prazer e recebida com devoção!²⁴

É em sintonia com a doutrina do Abade de Claraval que D. Henrique, no seu segundo discurso em Tânger, admite a morte como fuga para a glória:

É próprio de um espírito inteligente e ilustre aceitar ou preferir morrer uma só vez pela Fé a ter uma vida longa e morrer muitas vezes com o nome difamado. [...] está estabelecido que todo o homem morre uma só vez²⁵.

Na verdade, a atitude do Mestre da Ordem de Cristo – hoje anacronicamente recriminada por alguns historiadores, que acusam o Navegador de ir-

²³ S. Bernardo, *Liber Ad Milites Templi - De Laude Nouae Militiae* 1.1:

Impavidus profecto miles, et omni ex parte securus, qui ut corpus ferri, sic animum **fidei lorica induitur**. Vtrisque nimirum munitus armis, nec daemonem timet, nec hominem. Nec uero mortem formidat, qui mori desiderat. Quid enim uel uiuens, uel moriens metuat, **cui uiuere Christus est, et mori lucrum**? Stat quidem fidenter libenterque pro Christo; sed magis **cupit dissolui et esse cum Christo: hoc enim melius**. Securi ergo procedite, milites, et intrepido animo **inimicos crucis Christi** propellite, **certi quia neque mors, neque uita poterunt uos separare a caritate Dei, quae est in Christo Iesu**, illud sane uobiscum in omni periculo replicantes: **Siue uiuimus, siue morimur, Domini sumus**.

Quam gloriosi reuertuntur uictores de proelio! Quam beati moriuntur martyres in proelio!

Gaude, fortis athleta, si uiuis et uincis in Domino; sed magis exsulta et gloriare si moreris et iungeris Domino. Vita quidem fructuosa, et uictoria gloriosa; sed utriusque mors sacra iure praeponeatur. Nam si **beati qui in Domino moriuntur**, non multo magis qui pro Domino moriuntur?

²⁴ *Id.*, *ibid.* 1.2:

Et quidem siue in lecto, siue in bello quis moritur, **pretiosa erit sine dubio in conspectu Domini mors sanctorum eius**. Ceterum in bello tanto profecto pretiosior, quanto et gloriosior. [...] O, inquam, uita secunda, ubi absque formidine mors expectatur, immo et exoptatur cum dulcedine, et excipitur cum deuotione!

²⁵ Lin. 446-452 do *Martyrium et Gesta...*:

Ingenii et praeclari animi est liberius et melius pro fide semel mori, quam diu uiuere, saepius turpi nomine moriendo. [...] statutum enim est omni homini semel mori

Este passo é, aliás, uma citação do cap. 6 do livro 4 do *Livro da Vertuosa Benefeytoria* (Acta Universitatis Conimbrigenensis), Ed. crítica, introdução e notas de Adelino de Almeida Calado, Coimbra, 1994:

[...] muitas vezes julgam per boo o que mais quer morrer em a peleja que viver com desonra em poder dos emmiigos, e teê por melhor de sse acabar a vida com penoso louvor que durar antre as gentes em continuado doesto.

responsável, obstinadamente egoísta, indisciplinado,...²⁶ – era entendida outrora, à luz da mentalidade medieval e dos ideais de cavalaria, como uma das maiores virtudes. No *De Bello Septensi*, por exemplo, Mateus de Pisano comprova que este sentimento não era inédito. Quando a frota chegou a Ceuta, foi desmembrada por uma violentíssima tempestade. Reunidos os cerca de 250 vasos de guerra que constituíam a armada, D. João I sonda as intenções das suas tropas, inquirindo se sempre mantêm a disposição de atacar Ceuta ou se preferem avançar para outras bandas. São várias as opiniões. Os jovens Infantes, ansiosos por merecerem o grau de cavaleiro, preferem, já então, a honra da morte à ignomínia da escusa em se exporem aos perigos:

Priusquam Septam Rex se profecturum extulisset, nihil uecordie, nihil inertie asciri potuisset, sed cum ipse profectionem extulerit et biduum ante Septam subsisterit, nec expugnare tentauerit, nec aliquid laude dignum fecerit, non dicitur eum propter tempestatem exortam abijisse, sed formidine uel desperata uictoria profugisse. Quibus rationibus non uidebant eum absque ignominia uel in regnum suum redire uel alterum negocium adoriri posse. Ideo *prestare omnia ferre pericula quam ignominia notari, cui honesta mors est preferenda*²⁷.

Mas D. João I apenas pretendia confirmar o que ele próprio já esperava: “Quippe, milites, *sempiterna nobis ignominia fore*, si Septam, sola huius armande classis causa fuit, relinqueremus [...]”²⁸; ou, na versão original, a de Zurara:

[...] parece-me que assaz seria de grande mingoa auer acerca de seis annos, que ando neste trabalho, fazendo sobre ello tantas circunstancias, como sabeis, polas quaes o mundo esta com as orelhas abertas pera ouuir a fim da vitoria, & leixalo assi agora, parece-me que nõ seria outra cousa, senõ hum escarnio²⁹.

Portanto, os sentimentos que D. Henrique revela no *Martyrium et Gesta...* já eram os que herdara de seu pai. Eram mentalidades típicas de uma época influenciada pelo espírito de cavalaria, alimentada pela leitura das glo-

²⁶ Alguns historiadores vêem em D. Henrique atitudes egoístas por, aparentemente, só pensar nele e não nos outros, sendo mesmo apodado de criminoso. Assim pensa e. g. David Lopes in Damião Peres, *História de Portugal*, Direcção de..., Barcelos, 1928-1958, 9 vols, vol. 3, pp. 430 sqq.

²⁷ Vd. BDVV, ms. n.º 1, fol. 32°. Cf. igualmente Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da tomada de Ceuta*, cap. 61. Note-se, no texto latino, a expressão *non dicitur...* em correlação com a importância que D. Henrique atribua no *Martyrium et Gesta...* ao que os outros compatriotas, os príncipes europeus e o próprio Papa, incluindo as gerações vindouras, poderiam pensar de desenlace tão inglório:

Si ad uestri clamoris nutum plena fide poposcerimus, nos id conuenit seruare quoniam fides etiam hosti seruanda est et concedenter annos ad semper trahere lugubres et continue infelices deplorare euentus. Durum quippe est hac in re, quia uniuersi, ad quos hoc gestum peruenerit, praedicabunt nos infelici succubuisse casu (lin. 489-494).

²⁸ Vd. BDVV, ms. n.º 1, fol. 33°.

²⁹ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da tomada de Ceuta*, cap. 62.

riosas proezas de Galaaz, o cavaleiro puro, e da demanda do Graal pelos míticos cavaleiros da Távola Redonda³⁰. Acrescem a tudo isto as leituras de S. Bernardo e os preceitos que o famoso abade legou aos cavaleiros de Cristo.

Assim, os ideais dos dois tipos de cavaleiro (secular e religioso) constituíam uma amálgama indissolúvel no espírito do Infante de Sagres. Um aspecto pressupunha o outro e esta combinação de sentimentos reflectia-se no *modus agendi* do Mestre da Ordem de Cristo.

Daí que o Infante D. Henrique, no *Martyrium et Gesta...*, explane aos seus homens as desvantagens que o armistício teria para Portugal e as consequências negativas da desonra pessoal com que cada um deles seria coberto para os anos vindouros. Onde os Portugueses desvalorizavam as implicações morais e legais dos termos da rendição, dizendo que não tinham poderes para prometerem a troca de Ceuta, D. Henrique contrapunha que, apesar disso, se devia manter a palavra a todo o custo.

O Navegador colocava, portanto, a morte honrosa acima da vergonha da derrota, como se pode depreender das lin. 480 sqq: “Eu, pela minha parte, preferia dilatar o fim da guerra a cair nas mãos dos infiéis”³¹. Esta afirmação, aparentemente pouco abonatória do carácter de D. Henrique, é, todavia, passível de uma dupla interpretação e deve ser entendida na perspectiva do que ele próprio havia dito anteriormente: “É, com efeito, amarga a fama que nos espera, se formos vencidos por estes cães”³². Em primeiro lugar, revela a nobreza do seu carácter e o sentido da honra e do dever. Em segundo lugar, confirma o que os nobres haviam alegado para atribuírem o comando da ex-

³⁰ Fernão Lopes, no cap. 34 da primeira parte da *Crónica de D. João I*, informa-nos que Nuno Álvares Pereira “liia amedeu per livros destorias, espeçialmente da estoria de Gallaz que falla da Tavola Redomda”, tendo, certamente, colhido essa a informação do cap. 4 da *Crónica do Condestabre*: [...] usava muyto de ouvir e leer livros d'estorias, espeçialmente usava mais leer a estoria de Gallaaz, em que se continha a soma da Tavolla Redonda”. No cap. 75 da segunda parte da mesma *Crónica*, Fernão Lopes descreve uma situação que demonstra bem quanto as novelas arturianas eram lidas e conhecidas pelos nobres de então. D. João I, insatisfeito com o desempenho de alguns cavaleiros seus durante uma peleja, lança, em jeito de acusação:

Grão mimguoa nos fizeraõ ojeste dia aquy os cavaleiros da Tavola Redomda, ca çertamente se elles aquy foraõ nos tomaramos este logar.

Todavia, Mem Roiz de Vasconcelos, desagradado com essa observação, riposta:

Senhor, não fizeraõ aquy mimgoa os cavaleiros da Tavola Redomda, ca aquy estaa Martim Vasquẽz da Cunha que he tam bõ como dõ Galaz, Gõçalo Vasquẽz Coutinho que he tam bõ como dõ Tristaõ, e ex aquy Joaõ Fernãdez Pachequo que he tam bõ como Lamcarote! [...] E exme eu aquy que valho tamto como dõ Quequa; asy que não fizeraõ aquy mimgoa eses cavaleiros que vos dizeis. Mas faz nos a nos aquy grão mimguoa o boõ Rey Artur, senhor deles, que conheçia os boõs servidores, fazemdo lhes muitas merçes, per que aviaõ desejo de o bem servir!

Lembremos ainda que, na biblioteca de D. Duarte, figurava o “liuro de tristam”, uma obra intitulada “Merlim” e o “liuro de galaaz”, todas elas obras do ciclo arturiano. Vd. *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte* (ANTT, ms. 1928), fol. 213^v. Sobre a adaptação da matéria da Bretanha pela literatura medieval portuguesa e respectiva fortuna ao longo da Idade Média, em Portugal, vd. Aida Fernanda Dias, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Direcção de Carlos Reis, Lisboa, 1998, vol. 1: A Idade Média, pp. 58 sqq e bibliografia especializada nas pp. 72 sqq.

³¹ No texto latino: “Ego ipse liberius optarem belli finem immorari quam in Infidelium manus incidere”.

Assim também D. Pedro, no já referido cap. 6 do livro 4 do *Livro da Vertuosa Benfeytoria*: “[...] mais val morte honesta que vergonçosa vida. E melhor he viver por cobrar proveyto, que fazer fym sem gloriosa fama”.

³² Linhas 449 sqq do *Martyrium et Gesta...*: Amara siquidem nobis sistit fama, si ab istis diuincimur canibus.

pedição ao Infante de Sagres: “o qual – nós bem o sabemos – teme mais a infâmia do que a morte e tem em maior conta a honra do que o seu bem-estar ou outras comodidades”³³.

D. Henrique era um fiel intérprete do ideal dos Templários proclamado por S. Bernardo, influenciado por um ambiente de vários séculos de reconquistas e de cruzadas, no espírito de uma longa tradição fomentada e revitalizada pela recuperação dos ideais de cavalaria na corte de Avis. Na sua pessoa, cruzava-se essa duplicidade de sentimentos, presentes uns no cavaleiro de Avis e outros no cavaleiro de Cristo. É essa simbiose, aliada a uma fé inabalável no bom êxito das suas empresas – uma fé incondicional na Divina Providência, como muitos exemplos o confirmam, entre os quais sobressai o do Macabeu –, que o anima e empolga nas conquistas africanas e se irá, mais tarde, repercutir nos descobrimentos portugueses.

³³ Linhas 248-250 do *Martyrium et Gesta...*: “quem nouimus plus turpitudinem horrere quam mortem et plus ad honestatem quam ad salutem uel ad alia commoda expectare”.